Valor

Agronegócios

Vendas Modalidade gerou R$ 2,3 bilhões em negócios de janeiro a agosto

Consórcios ganham força no mercado de máquinas

Carine Ferreira
De São Paulo

A atual forte demanda dos produtores brasileiros por máquinas agrícolas — muitas delas de grande porte, com níveis crescentes de sofisticação e mais caras — vem fortalecendo uma modalidade de comercialização já bastante conhecida em outros segmentos: os consórcios.

Conforme a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), o número de consorciados de máquinas agrícolas cresceu 15% em agosto em relação a março e somou 76,9 mil (eram 71,2 mil em agosto de 2012), ou 36,6% do número de clientes de consórcios de veículos pesados em geral. Os consórcios de veículos automotores, que incluem, além dos pesados, veículos leves e motocicletas, têm quase 5 milhões de participantes.

Assim, a participação dos consórcios (7,9 mil cotas contempladas) nas vendas internas de máquinas agrícolas no atacado de janeiro a agosto chegou a 15,5%, levando-se em conta as estatísticas de comercialização da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Segundo a Abac, o volume de negócios nos consórcios de máquinas agrícolas alcançou R$ 2,3 bilhões de janeiro a agosto deste ano, mesmo patamar registrado em igual período de 2012. Os créditos mais praticados oscilaram de R$ 68,1 mil a R$ 296 mil, com um prazo médio de 97 meses e taxa média de administração de 0,123% ao mês, de acordo com levantamento realizado em agosto.

Não há um histórico com dados mais antigos ou precisos disponível sobre o desempenho dos consórcios de máquinas agrícolas no país, tampouco sobre o perfil dos equipamentos comercializados: difícil saber, por exemplo, se o consórcio é usado para a aquisição de uma máquina nova ou usada, ou se serve para a primeira aquisição de um agricultor ou para a renovação de sua frota agrícola.

"Estou confiante de que este segmento [máquinas agrícolas] vai continuar crescendo, sobretudo diante da perspectiva de mais uma safra recorde de grãos. É um segmento que envolve planejamento, feito para pessoas que podem adquirir máquinas sem pressa", afirma Paulo Rossi, presidente-executivo da Abac.

Sem a incidência de juros, apenas taxas de administração com custos normalmente mais baixos que os do sistema financeiro tradicional, outra vantagem do consórcio é a possibilidade de planejamento a médio e longo prazos para a renovação ou ampliação da frota, aponta Cláudio Bassani, gerente comercial do Consórcio Nacional John Deere, uma parceria entre a multinacional americana fabricante de máquinas agrícolas e a Randon Consórcios.

Conforme Bassani, o número de participantes no consórcio da empresa vem crescendo a taxas anuais de 12% nos últimos quatro anos. De janeiro a setembro, o consórcio disponibilizou a seus clientes R$ 136 milhões, 28,3% a mais que em igual intervalo de 2012. Em todo o ano passado, foram R$ 116 milhões, e a expectativa é encerrar 2013 com R$ 178 milhões.

Atualmente, há em carteira futura R$ 800 milhões para clientes a serem contemplados nos próximos meses. Os créditos vão de R$ 18 mil a R$ 600 mil para máquinas e implementos novos e usados.

Bassani diz que, no passado já mais distante, os consórcios de máquinas agrícolas eram procurados sobretudo por pequenos produtores, mas que nos últimos cinco anos começou a ser uma opção para médios e grandes agricultores, que vêm adquirindo máquinas maiores e mais potentes.

De acordo com Milton Rego, vice-presidente da Anfavea, o avanço de consórcios no segmento de máquinas agrícolas ocorre, não por coincidência, em um período de aumento de valor bruto da produção agropecuária constante desde 2010, quando a disposição para investimentos é, naturalmente, maior.

Rego pondera que quando a variação de renda agrícola é grande fica difícil comprometer o orçamento para o pagamento de parcelas de consórcios. Nesse contexto, o produtor muitas vezes opta por realizar a compra em um horizonte mais previsível.

Para ele, o consórcio ainda é mais indicado para pequenos e médios produtores que têm mais dificuldade de acesso ao crédito, pois representa uma saída aos financiamentos caros.

Outro segmento que têm potencial para consórcios é o de serviços para a agricultura, como irrigação, pulverização e transporte da colheita, avalia Rossi, da Abac. Já são 16,5 mil participantes ativos no setor de serviços não ligados à área agrícola. "O desafio das empresas é mostrar ao consumidor que existe essa possibilidade", diz Rossi.

Máquinas agrícolas
Perfil dos consórcios no segmento*

Prazos

Mínimo	18 meses
Médio	97 meses
Máximo	150 meses

Créditos

Mínimo	R$ 8.750
Médio	R$ 68.100 a R$ 296.000
Máximo	R$ 796.000

Taxa média de administração
0,123% ao mês

Participantes ativos
76,9 mil
que representam 36,6% do total de participantes veículos pesados**

Quem participa
67% Produtores rurais
24% Pessoas jurídicas
9% Outros

Fonte: Abac. * Dados de agosto de 2013; ** Inclui caminhões, ônibus, tratores, implementos e semi-reboque

REGIS FILHO-/VALOR

Paulo Rossi, da Abac: com safras recorde, segmento deve continuar a crescer

RUY BARON/VALOR

Com clima mais favorável, plantio cobriu mais de 50% da área prevista no Estado

Plantio de soja 'dispara' em Mato Grosso

Safra 2013/14

Tarso Veloso e Fernando Lopes
De Brasília e São Paulo

Com o clima em geral favorável, apesar de chuvas irregulares em algumas áreas, o plantio de soja já cobriu mais de metade da área total que deverá ser plantada com o grão em Mato Grosso nesta safra 2013/14, cuja semeadura teve início em meados do mês passado.

Conforme o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), o percentual chegou a 50,6% da área prevista em 24 de outubro, 23,2 pontos percentuais a mais que na semana anterior — o maior avanço semanal da temporada. Em relação ao mesmo período do ano passado, quando estava em jogo o plantio da safra 2012/13, já há um aumento de 0,3 ponto percentual.

De acordo com o Imea, a oleaginosa deverá ocupar, no total, 8,29 milhões de hectares em 2013/14, 4,8% mais que no ciclo passado e um novo recorde. A colheita está estimada pelo instituto em 25,7 milhões, outro recorde, 8,5% superior ao de 2012/13.

A comercialização antecipada da safra atual chegou a 41,4% do volume total previsto, ainda 21,7 pontos percentuais a menos que no mesmo intervalo do ano passado, quando se comercializava a safra 2012/13. Os produtores ainda têm esperanças de que o preço vá subir mais, daí a relutância em "travar" as vendas.

Em levantamento divulgado ontem, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) manteve sua estimativa para a produção de soja do país no ciclo 2013/14 em 86 milhões de toneladas. Outro recorde que, se confirmado, representará um incremento de 5,4% sobre o volume colhido em 2012/13 (81,6 milhões).

E a entidade voltou a elevar sua estimativa para as exportações de soja em grão do país no atual "ano comercial" que começou em fevereiro deste ano e terminará em janeiro próximo. Agora, projetou, os embarques tendem a somar 42 milhões de toneladas, 500 mil a mais que o previsto em setembro.

Em contrapartida, a estimativa para o processamento da matéria-prima no país no ano comercial recuou em 500 mil toneladas na comparação, para 35,4 milhões. Com isso, a previsão da Abiove para a produção de farelo de soja caiu de 27,3 milhões para 26,9 milhões de toneladas e a projeção para a produção de óleo de soja diminuiu de 6,9 milhões para 6,8 milhões de toneladas.

As estimativas para as exportações de derivados no atual ano comercial também foram ajustadas para baixo. As de farelo passaram de 13,2 milhões para 12,8 milhões de toneladas, enquanto as de óleo caíram de 1,35 milhão para 1,25 milhão de toneladas.

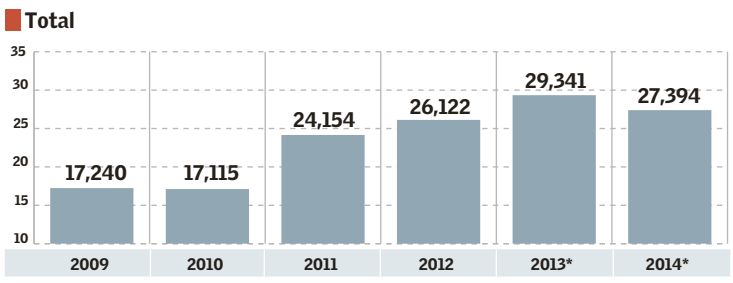
No total, projeta a Abiove, as exportações brasileiras do chamado "complexo soja" (inclui grão, farelo e óleo) tendem a render US$ 29,341 bilhões em 2013, 12,3% mais que em 2012. Para 2014, mesmo com uma nova safra recorde do grão, são esperados US$ 27,394 bilhões. Essa queda reflete sobretudo a tendência de baixa dos preços médios das vendas dos três produtos ao exterior.

De acordo com a entidade, com o mercado global melhor abastecido o preço médio das exportações do grão deverá cair de US$ 525, em 2013, para US$ 470 no ano que vem. Em igual comparação, o preço médio do farelo tende a diminuir de US$ 470 para US$ 420 e a cotações médias do óleo poderão recuar de US$ 1.020 para US$ 870 por tonelada.

Mais sobre preços à página B12

Complexo soja
Exportações brasileiras (US$ bilhões)

Produto	2009	2010	2011	2012	2013*	2014*
Grão	11,424	11,043	16,327	17,455	22,050	20,680
Farelo	4,593	4,719	5,698	6,595	6,016	5,670
Óleo	1,223	1,352	2,129	2,071	1,275	1,044



Fonte: Abiove. * Projeções

valor.com.br

Fertilizantes

Mosaic adquire os negócios de fosfatos da CF

A empresa americana de fertilizantes Mosaic, considerada uma das maiores produtoras de potássio do mundo, informou ontem que assinou um acordo para a compra do negócio de fosfato da CF Industries, também dos EUA, por US$ 1,4 bilhão. Sob os termos do acordo, a Mosaic vai adquirir uma mina de fosfato em South Pasture e uma planta de beneficiamento em Hardee County, na Flórida, uma unidade de processamento de fosfato em Plant City, também na Flórida, além de um terminal de amônia e um armazém para produtos acabados em Tampa.

valor.com.br/u/3319412

Biocombustíveis

Etanol mais caro ao consumidor em 15 Estados

O preço do etanol hidratado, que é usado diretamente nos tanques dos veículos, subiu ao consumidor final em 15 Estados brasileiros na semana encerrada no dia 26, segundo levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP). Em nove Estados, o preço do etanol ao consumidor caiu, e em dois Estados e no Distrito Federal, ficou estável. Atualmente, é vantajoso abastecer com etanol em vez de gasolina em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná e São Paulo. Nesses Estados, o preço médio do biocombustível ao consumidor final equivale a menos de 70% do preço da gasolina.

valor.com.br/u/3319400

Agroenergia

Standard & Poor's pode baixar rating da Aralco

A agência de classificação de risco Standard & Poor's colocou o rating B em escala global da sucroalcooleira Aralco em revisão para possível rebaixamento. A agência considerou que o volume de moagem do grupo pode ser "significativamente" menor que o previsto anteriormente, o que trará um impacto no fluxo de caixa. Além disso, segundo a agência a empresa terá que fazer investimentos mais altos na renovação de canaviais para aumentar tanto a moagem, quanto a eficiência de suas usinas, o que pode deteriorar sua liquidez e alavancagem.

valor.com.br/u/3319390